



Mercado Alternativo E Transição Agroecológica: O Caso Feirinha Da UFT¹

Keile Aparecida **Beraldo**¹

Matheus Alberto de Oliveira **Sunica**²

Juliana Aguiar de **Melo**³

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de oferecer uma contribuição para entender um pouco mais a relação entre produtor, consumidor e o papel da universidade na formação de pessoas. Para tanto, recorreu-se à pesquisa-ação e às metodologias participativas que priorizam a inovação, a participação e o diálogo entre diferentes atores sociais nas diversas edições da “feirinha da UFT”. De acordo com os resultados, conclui-se que a aproximação de pessoas oportuniza o desenvolvimento de diversas ações que ultrapassam as fronteiras da universidade. A feira tornou-se um instrumento para promover a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, além de sensibilizar a comunidade acadêmica da necessidade de valorizar os produtos de origem da agricultura familiar.

Palavras-chave: Participação; Diálogo; Agricultores Familiares; Extensão.

INTRODUÇÃO

O movimento contra a revolução verde e a consciência ecológica nos últimos anos elevou a procura por alternativas sustentáveis de produção e consumo de alimentos. Para atender a crescente demanda por alimentos produzidos de forma sustentável, alguns produtores buscam fazer a transição de um modelo de produção da agricultura convencional para a agroecológica e/ou orgânica.

Pesquisas como as de Niederle; Almeida e Vezzani (2013) apontam que esse tipo de mercado tem se mostrado como uma das alternativas mais vantajosas aos agricultores familiares que vivem às margens da produção em grande escala. No entanto, muitos agricultores familiares que produzem de forma sustentável têm dificuldades de acessar esse tipo de mercado devido, principalmente, à adequação de normas e exigências da legislação brasileira que dá maior amparo ao agronegócio.

¹ Professora do Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas – GESPOL, Coordenadora do Núcleo de Estudos em Agroecologia – NEADS/UFT, Universidade Federal do Tocantins; e-mail: keile@uft.edu.br.

² Discente do Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Tocantins – UFT; e-mail: matsgol_zinadron@hotmail.com.

³ Professora do Curso de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Tocantins – UFT; e-mail: aguiarmelo@mail.uft.edu.br.

Uma das normas instituídas a partir de 2003 – para produção e comercialização de produtos agroecológicos e ou orgânicos – traz a ideia de controle social, algo intrinsecamente vinculado a trabalho associativo (dos produtores), relações de confiança entre produtores e consumidores, papel ativo dos consumidores e funcionamento de instâncias de controle materializadas em Organizações de Controle Social (OCS), grupo criado com o fim de controle, formado por representantes do coletivo de produtores (ARAÚJO, 2015).

Por esta razão, muitos agricultores familiares precisam de parcerias com instituições de ensino, pesquisa e extensão que os ajudem a se adequarem a essas normas. Por outro lado, as universidades enfrentam desafios diários para exercer o papel de formar pessoas, disseminar práticas e compartilhar conhecimentos, transpondo os muros que a separam da sociedade, praticando, assim, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão relaciona-se às práticas das universidades brasileiras e é um princípio orientador da qualidade da produção universitária (POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2013; MOITA E ANDRADE, 2009), previsto no art. 207 da Constituição Brasileira de 1988. Compreende-se que as ações de extensão adquirem maior efetividade se estiverem vinculadas a processos de formação das pessoas (processos educativos) e de geração de conhecimento (ESCOBAR, 2004; MORA-OSEJO e BORDA, 2004 apud SOUZA et al. 2017).

Buscando formar pessoas e um grupo de produtores que quisessem criar uma OCS, o Núcleo de Estudos em Agroecologia da Universidade Federal do Tocantins (NEADS/UFT), propôs a criação de um espaço que reunisse agricultores familiares e comunidade acadêmica. Tal projeto envolveu diferentes segmentos da universidade e desenvolvido em virtude da aprovação de um projeto⁴ de pesquisa e extensão.

O projeto teve seu início em meados do ano de 2015, a princípio em caráter experimental, com o objetivo de promover o diálogo, a construção coletiva de novas práticas em produção sustentável, apoiar as organizações envolvidas na inserção agroecológica e a segurança alimentar, além de consolidar e ampliar ações já existentes entre a UFT e agricultores familiares, que produzem alimentos em sistemas agroecológicos nas diversas comunidades localizadas na região de Palmas – TO.

Ressalta-se o fato de que, desde o início, o projeto deu ênfase ao processo de formação com objetivo de fortalecer a agricultura familiar, usando estratégias de ensino/pesquisa e extensão para promover o desenvolvimento rural e a dinamização da economia familiar por meio de uma “feira livre de transição agroecológica”.

Considerando a importância – socioeconômica e ambiental – da agricultura familiar no Brasil, em particular no Tocantins, e o incipiente estágio de conhecimento sobre a produção e a comercialização de produtos agroecológicos este ensaio oferece uma pequena contribuição, baseada em

⁴Núcleo de Estudos em Agroecologia e Fortalecimento da Agricultura Familiar na Universidade Federal do Tocantins *Campus* UFT de Palmas – TO. Projeto de pesquisa aprovado pelo edital MDA/CNPq chamada N°38/2014

análises realizadas nas diversas edições da feirinha da UFT, no esforço de entender um pouco mais a relação entre produtor e consumidor e o papel da universidade na construção de um mercado alternativo de produtos agroecológicos. Este trabalho busca responder as seguintes questões: até que ponto o projeto Feirinha da UFT, conseguiu atingir seus objetivos? Quais os principais avanços alcançados no sentido de garantir o exercício da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão?

Este trabalho está dividido em quatro sessões sendo a primeira a introdução; a segunda, uma breve revisão de literatura sobre feira agroecológica; a terceira traz os resultados e uma discussão sobre o projeto e, por último, as considerações finais.

REVISÃO DE LITERATURA

As primeiras feiras chamadas agroecológicas tiveram seu início ainda no final dos anos 1980. Buscava-se uma tentativa de construção de arranjos sociais para produção em bases agroecológicas, associando a autonomia à comercialização, buscando eliminar a necessidade de articulação com atravessador. Com o crescimento da demanda (especialmente nas grandes cidades) por alimentos livres de agrotóxicos, e com o aumento do número de agricultores dedicados à produção orgânica, natural, biológica, ecológica, entre outras denominações utilizadas à época, começaram a surgir feiras e pontos de comercialização desses alimentos. Podemos citar como exemplo, a Feira de Porto Alegre, organizada pela Cooperativa Coolmeia, inaugurada em 1989; a Feira do bairro da Glória, no Rio de Janeiro, de 1994, organizada pela Associação de Agricultores Biológicos do Rio de Janeiro (Abio); e a Feira da Associação de Agricultura Orgânica (AAO) de São Paulo, de 1991 (MONTEIRO e LONDRES, 2017).

Diversos estudos, em diferentes regiões do país, demonstram que as “feiras livres agroecológicas” se tornaram importantes canais de comercialização para os produtores rurais. Tais canais são instrumentos que aproximam produtores e consumidores, gerando oportunidades econômicas e de inovação, além de permitirem o resgate de alimentos diferenciados, cujos valores remetem às características históricas e culturais das regiões em que estão inseridos, os quais são dificilmente apropriados pelos atores dominantes nos sistemas convencionais de agricultura (NIEDERLE; ALMEIDA e VEZZANI; 2013).

De acordo com Darolt (2013), a prática de feiras com produtores rurais não é somente evidenciada no contexto brasileiro em cidades do interior, é também observada em cidades das regiões metropolitanas e no contexto internacional em países desenvolvidos, como é o caso dos países europeus. De maneira geral, as feiras agroecológicas tornam-se pontos de comercialização de produtos diversos.

As pesquisas desenvolvidas por Finatto e Corrêa (2010) apontam os desafios e perspectivas para a comercialização de produtos de base agroecológica no município de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Ressaltam as dificuldades dos produtores de produzir sem uma associação ou corporação da qual eles façam parte e que, apesar da falta de recursos financeiros (fator destacado pelos produtores), os autores evidenciam a possibilidade de

expansão da feira no município. Já os estudos realizados por Souza et al (2009) demonstram a importância das feiras agroecológicas para pequenos produtores da região da Borborema, na Paraíba.

Os autores acima citados pontuam avanços no sentido da organização de uma associação entre os produtores, o que acabou gerando novas possibilidades de comercialização. Segundo os mesmos autores, a implantação das feiras agroecológicas é uma importante ferramenta para assegurar a disponibilidade de produtos de qualidade aos consumidores e garantir o resgate, ao pequeno produtor, da dignidade perdida enquanto trabalhador rural.

Se de um lado os consumidores estão cada vez mais interessados e buscando alimentos de qualidade, de outro temos os agricultores familiares buscando a inserção em um mercado agroecológico diferenciado – diferenças que perpassam o manejo do sistema de produção, as relações culturais do local e a história da família produtora. Em muitas situações, o aspecto artesanal é um diferencial que acaba reproduzindo um modo de vida alternativo. Tal reprodução é sustentada pela convergência de hábitos entre ambas as partes envolvidas – tanto produtores quanto consumidores – que tentam construir novas formas de produção e de comercialização.

A proposta da “Feirinha da UFT” surge a partir de um diagnóstico feito por alunos e professores durante as visitas e oficinas realizadas em parceria com os agricultores familiares em transição agroecológica na região de Palmas. Durante as rodas de conversas, foi possível constatar que a maioria dos agricultores da região sofre com a distribuição e comercialização de seus produtos e que, alguns agricultores, apresentaram, como limitação, a necessidade de pagamento para manutenção do espaço físico em feiras, que em algumas épocas do ano, principalmente no período de estiagem, tornam-se inviáveis.

Destaca-se ainda o fato de que as feiras existentes na cidade de Palmas- TO, não fazem distinção entre produtores agroecológicos, orgânicos e convencionais, tampouco de intermediários que compram e ofertam os produtos da agricultura familiar. Portanto, falta um espaço exclusivo para agricultores familiares de produtos agroecológicos e neste contexto a Feirinha surge como espaço alternativo para estas “transações agroecológicas”.

METODOLOGIA

Para promover a feira, o NEADS/UFT e seus parceiros se utilizaram de metodologias participativas por meio de diálogos (rodas de conversas) que promoveram o conhecimento agroecológico para desenvolver ações que mobilizassem os diferentes atores envolvidos. Para Souza et al (2017), as estratégias conjuntas de construção de conhecimentos agroecológicos demandam um aporte metodológico que enfatiza a participação e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (MOITA e ANDRADE, 2009). Para isto, recorreu-se à pesquisa-ação (THIOLLENT, 2011) e às metodologias participativas (BRANDÃO, 2014) que priorizam a inovação, a participação e o diálogo entre diferentes atores sociais (POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, 2013).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A implantação da feira de transição agroecológica na UFT é resultado da reivindicação dos agricultores locais, que buscavam um espaço coberto e seguro para a comercialização de seus produtos. Atualmente a feira ocorre semanalmente, os expositores contam com um espaço físico coberto para a comercialização dos produtos, com mesas e água potável, e estacionamento para veículos, atendendo assim as necessidades prioritárias.

O espaço trouxe benefícios, favoreceu a aproximação entre consumidores e produtores. Durante as feiras os produtores e consumidores trocam conhecimentos sobre o modo de produção e outras questões importantes, tais como: adubação, controle de pragas, uso de plantas medicinais, que valorizam e incentivam tanto os produtores a permanecer utilizando técnicas de manejo agroecológico, como o despertar da consciência ecológica dos consumidores.

Na feira de transição agroecológica os agricultores não possuem nenhum custo de manutenção e a participação é exclusiva para produtores de base ecológica, conferindo um caráter de sustentabilidade garantido pelo projeto. Ao se criar a “feira de transição agroecológica” dentro da universidade consolidamos a relação de parceria com os agricultores familiares e reduzimos, em parte, a concorrência que há dentro de tantas outras feiras que não diferenciam agricultores que prezam por um tipo de produção sustentável daqueles que não produzem dessa forma. Na tabela 1, apresenta-se o perfil dos produtores da feira de transição agroecológica.

Idade	Sexo	Município	Pertence a Alguma associação	Produto	Origem da produção Rural/Urbana	Comercializa em outro local
46	F	Taquaruçu	Sim	Mudas e biofertilizante	Urbano	Sim
31	M	Palmas	Não	Artesanatos em geral	Urbano	Sim
46	M	Palmas	Não	Artesanato	Urbano	Sim
		Porto		Produtos lácteos		
58	F	Nacional	Não	e doces	Assentamento	Sim
38	F	Palmas	Não	Alimentos	Urbano	Sim
		Porto		Hortaliças/ovos		
42	M	Nacional	Sim	caipiras	Reassentamento	Sim
63	F	Palmas	Sim	Hortaliças	Horta comunitária	Sim
33	M	Palmas	Não	Hortaliças	Urbano	Sim
19	M	Palmas	Não	Hortaliças	Urbano	Não

Tabela 1 - Perfil dos produtores da feira de transição agroecológica da UFT. Fonte: Elaborado pelos autores (2017)

Conforme os dados da tabela 1 pode-se traçar o perfil dos produtores como diversificado, com a participação do gênero masculino em sua maioria, cabe ressaltar a atuação das mulheres na permanência mantendo a periodicidade, já que muitos produtores não são assíduos e desistem com o decorrer do tempo. Somente dois produtores são de reassentamentos, a maioria produz em suas propriedades localizadas em áreas próximas à cidade.

Os principais produtos comercializados nas edições da feira da UFT correspondem às hortaliças, legumes, frutas e outros produtos, tais como, ovos caipiras, queijo, pães e doces caseiros. Apesar da importância da permanência das feiras de produtores rurais para a agricultura familiar, a experiência com a feira de transição agroecológica na UFT demonstrou que ainda há muitas limitações e potencialidades que precisam ser mais bem investigadas.

Observa-se que muitos feirantes comercializam seus produtos em mais de um local para complementarem suas rendas. Ainda não conseguem sobreviver com a receita das vendas feita só na feira da UFT, pois não há uma demanda capaz de absorver a quantidade de produtos ofertada. Percebe-se a necessidade de uma maior sensibilização da comunidade acadêmica, já que parte do público consumidor está fora da universidade.

Outra questão não menos importante é o transporte e o armazenamento dos alimentos comercializados na feira da UFT. Muitos alimentos são perecíveis e os produtores moram distante da universidade – alguns chegam a percorrer cerca de setenta quilômetros – o que acarreta altos custos com o transporte. Esse fato pode inviabilizar a comercialização para alguns agricultores familiares.

Outro fator complicador que leva muitos produtores a percorrerem diferentes locais para exporem suas mercadorias é o fato de eles não pertencerem a associações que os ajudem a organizar melhor tanto a produção como a comercialização. Um exemplo disso é o preço dos produtos. Muitos produtores não fazem um controle dos custos, portanto, não sabem exatamente o valor dos seus produtos – fator que contrapõe os resultados de outras pesquisas em diferentes regiões do país.

Os produtores da feira da UFT ainda precisam receber capacitação que os façam atentar à questão ambiental. Os preços das mercadorias agroecológicas nem sempre cobrem os custos de produção, isso acontece porque não há incremento do cuidado com o meio ambiente. A forma de manejo e os cuidados com o meio ambiente diferenciam os produtos convencionais dos agroecológicos. Portanto, ao se calcular os preços dos alimentos agroecológicos, devem ser levados em conta que, ao se produzir um produto agroecológico, há um melhor aproveitamento dos recursos naturais. Essa consciência precisa ser trabalhada nos dois segmentos, consumo e produção.

Durante a realização do projeto, nas rodas de conversas, foi identificado um conjunto de atributos e aspectos positivos inerentes ao funcionamento das feiras agroecológicas. A feirinha agroecológica da UFT, como ficou conhecida, mostrou-se uma oportunidade de unir comunidade acadêmica e produtores nas vivências e práticas agroecológicas – e que isso é determinante para a formação de pessoas. Essa experiência demonstrou que a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão é possível dentro das universidades brasileiras, mas ainda precisa aparar algumas arestas no sentido de organizar melhor os produtores e consumidores para construção de um mercado que atenda a ambos.

As observações das edições da feira de transição da UFT têm revelado que as relações humanas e seus interesses têm várias facetas que devem ser conhecidas, respeitadas e, algumas vezes, contornadas. Trata-se de um processo contínuo de construção e aprofundamento destas relações e, para

sua manutenção, deve ser avaliado sempre. Deste modo, as discussões realizadas ao final de cada edição da feira mostram que, embora existam limitações, o evento tem se consolidado enquanto espaço para construção de conhecimento e formação de pessoas. E ainda que para sua continuidade é necessário olhar o lado do produtor fortalecendo ainda mais os laços criados com as famílias de produtores, dar continuidade nos trabalhos por meio de outros projetos que valorizem a sua cultura, portanto seu modo de vida e fomentar uma associação entre os produtores.

E do lado do consumidor, é preciso pensar em estratégias que ratifiquem as vantagens de adquirir esse tipo de produto diretamente dos agricultores familiares que praticam uma agricultura limpa com bases agroecológicas, mesmo sem certificação. Muitos consumidores ainda veem com desconfiança os produtos da feirinha da UFT, por não serem certificados. Portanto, torna-se necessário solidificar as relações de confiança entre produtores e consumidores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências deste projeto evidenciaram que essas “novas” formas de produção e de consumo são reproduzidas a partir da dinâmica diferenciada que está envolvida no ambiente das feiras, as quais aproximam produtores e consumidores. Tal proximidade possibilita a interação direta com os mercados, os quais permitem identificar oportunidades econômicas, produtivas e de inovação. Sendo assim, a proximidade vai além do aspecto geográfico e de localização: ela é explicada, sobretudo, pela variável social, pois a aproximação de pessoas oportuniza o desenvolvimento de diversas ações que ultrapassam as fronteiras da universidade.

Dessa forma, entende-se que a feira é instrumento importante para formar pessoas, trazer esclarecimentos e conscientizar sobre a produção e o consumo de produtos da agricultura familiar produzidos de forma sustentável promovendo assim a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

Como possibilidades de novas agendas de pesquisa, faz-se necessária a realização de futuras investigações que possam mapear e entender os aspectos que caracterizam melhor tanto os produtores quanto os consumidores nos ambientes da feira, dentro e fora da Universidade, assim como trabalhar (por meio de parcerias com associações e cooperativas) a organização dos produtores para a produção, armazenamento e transporte dos produtos.

Há, ainda, a necessidade de se sensibilizar por meio de ações, tais como: oficinas, rodas de conversas entre outras, os produtores e consumidores, principalmente a comunidade acadêmica, para a valorização dos produtos de origem da agricultura familiar produzidos de forma sustentável. Despertando a consciência na comunidade que ao se adquirir esse tipo de produto diferenciado leva-se em conta a questão ambiental, e esse é um dos caminhos para a preservação dos recursos naturais.

Alternative Market And Agroecological Transition: The UFT Feirinha Case

ABSTRACT

This paper intends to offer a contribution to understand a little more about the relationship between farmer, consumer and the role of the university to train people. Therefore, we resorted to action-research and participatory methodologies that prioritize innovation, participation and dialogue between different social actors in the various editions of the UFT little fair. According to the results, it is concluded that the approximation of people allows the development of various actions that cross the borders of the university. The fair became an instrument to promote the indissociability between teaching, research and extension, as well as raising awareness in the academic community of the need to value products of family farming origin.

Keywords: Participation; Dialogue; Family Farmers; Extension.

Mercado Alternativo Y Transición Agroecológica: El Caso Feria De La Uft.

RESUMEN

Este artículo tiene el objetivo de ofrecer una contribución para entender un poco más la relación entre productor, consumidor y el papel de la universidad en la formación de personas. Para ello, se recurrió a la investigación-acción ya las metodologías participativas que priorizan la innovación, la participación y el diálogo entre diferentes actores sociales en las diversas ediciones de la "feria de la UFT". De acuerdo con los resultados, se concluye que la aproximación de personas oportuniza el desarrollo de diversas acciones que sobrepasan las fronteras de la universidad. La feria se ha convertido en un instrumento para promover la indisociación entre enseñanza, investigación y extensión, además de sensibilizar a la comunidad académica de la necesidad de valorizar los productos de origen de la agricultura familiar.

Palabras clave: Participación; Diálogo; Agricultores Familiares; Extensión.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T. P. de. **Feiras agroecológicas: institucionalidade, organização e importância para a composição da renda do agricultor familiar** / Tarcisio Patricio de Araújo, Roberto Alves de Lima, Júnior Macambira. – Fortaleza : Instituto de Desenvolvimento do Trabalho : Núcleo de Economia Solidária da Universidade Federal de Pernambuco, 2015.

DAROLT, M. R. **Circuitos curtos de comercialização de alimentos ecológicos: reconectando produtores e consumidores**. In: NIEDERLE P. A.; ALMEIDA L.; VEZZANI. F. M. (Orgs.). *Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura*. Curitiba: Kairós, 2013, p.139-170.

FINATTO, R. A.; CORRÊA, W. K. Desafios e perspectivas para a comercialização de produtos de base agroecológica - O caso do município de Pelotas/RS. **Revista Brasileira de Agroecologia**, vol. 5 No.1 2010. P. 95 – 105.

MOITA, F. M. G. da S. C.; ANDRADE, F. C. B. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 41, p. 269-280, maio/ago. 2009.

MONTEIRO, D.; LONDRES, Flavia. Pra que a vida nos dê flor e frutos: notas sobre a trajetória do movimento agroecológico no Brasil. In **A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável** /organizadores: Regina Helena Rosa Sambuichi... [et al.]. – Brasília: Ipea, 2017 P.53-87.

MORA-OSEJO, L. E.; BORDA, O. F. A superação do eurocentrismo. Enriquecimento do saber sistêmico e endógeno sobre nosso contexto tropical. In: SANTOS, B. S. (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez, 2004. p. 711-720.

NIEDERLE P A.; ALMEIDA L.; VEZZANI F. M. **Agroecologia**: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura. Curitiba: Kairós, 2013, p. 23-68.

POLÍTICA NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA. **Elaborado pelo Fórum dos Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileira**. Porto Alegre: UFRGS, 2013. 74p.

SOUZA, J. V. da S. et al. A Importância das Feiras Agroecológicas para Pequenos Produtores da Região da Borborema na Paraíba. **Revista Brasileira de Agroecologia**/nov. 2009 Vol. 4 No. 2. P 4516 – 4519.

SOUZA, N. A.; FERREIRA, T; CARDOSO, I. M.; OLIVEIRA, C. L; AMÂNCIO, C.; DORNELAS, R. S.. Os Núcleos de Agroecologia: Caminhos e desafios Na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. In: **A política nacional de agroecologia e produção orgânica no Brasil: uma trajetória de luta pelo desenvolvimento rural sustentável** / organizadores: Regina Helena Rosa Sambuichi ... [et al.]. – Brasília: Ipea, 2017 P.53-87.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ⁱ Recebido em 08 de Novembro de 2017. Aceito em 11 de Dezembro de 2017.